



Um Mundo de Novas Tecnologias, Uma Escola de Quadro e Giz? Novos Sujeitos, Novas Linguagens e Velhos Cenários

Wagner da Costa SILVA¹

RESUMO

O avanço dos meios de comunicação é uma realidade irreversível em nossa sociedade. No Brasil, onde políticas efetivas para aproximar os campos da Comunicação e da Educação ainda não foram formuladas, as tramas tecidas entre as duas áreas não criaram raízes. Contudo, iniciativas isoladas são desenvolvidas e conquistam resultados expressivos, fazendo com que alunos que se sentem estranho ao ambiente escolar, pautado no paradigma hegemônico de troca de saber, voltem a se encantar com a escola. Neste texto, trazemos vozes de estudantes do Projeto Poronga, programa de correção de fluxo desenvolvido no estado Acre, que usa como principal recurso teleaulas da Fundação Roberto Marinho. Depois de anos fora da sala de aula, os alunos dizem ser o uso da televisão um dos pontos mais positivos do programa que tem modificado os índices da educação acreana.

PALAVRAS-CHAVE: Telecurso 2000, televisão, Projeto Poronga.

Novo mundo, novos sujeitos, nova escola?

De modo contundente os meios de comunicação vêm modificando a forma como nos relacionamos e transitamos nesse cenário atual de mudanças, definido por muitos pesquisadores como era pós-moderna. Um cenário de fronteiras geográficas menos rígidas, de economia globalizada e de trânsito incontrolável de informação, que tem incluído e excluído sujeitos que ocupam diferentes papéis no tecido social.

Na sociedade contemporânea, onde muitos são os instrumentos que permitem ao homem se comunicar, os meios de comunicação estão no centro das discussões quanto ao papel que tem desempenhado em terrenos como o da política e da educação. De acordo com Marcondes Filho (1981, p.64):

Na sociedade tecnocêntrica os meios de comunicação ocupam papel central na vida das pessoas. Eles reestruturam toda a sociedade assim como fazem com que a economia, a política, a cultura, a religião, o lazer, o esporte reorganizem-se agora em função da sua veiculação na comunicação. A marca desta era é que as coisas não valem pelo que elas são, elas só valem se forem comunicadas, divulgadas pelo sistema de comunicação, se mediadas por esse processo.

¹ Jornalista. Mestre em Desenvolvimento Regional (Ufac). Doutorando em Educação, Universidade Federal Fluminense (UFF)



Assim como a mídia, a escola tem sido protagonista de inúmeros debates. Os mais apocalípticos afirmam que ela acabou, perdeu o sentido diante de um mundo onde o conhecimento está por todos os lados, mediado pelos meios de massa. Esse tipo de afirmação tem sido feita de forma recorrente por pessoas das mais diversas classes sociais e que ao longo da vida teceram diferentes relações com o ambiente escolar. No entanto, apesar do momento confuso que atravessa, a escola continua a ser protagonista das experiências que ajudam a constituir a maioria das pessoas.

Na visão de Kenski (2008) “as instituições educacionais, como instituições sociais, não se acabam ou perdem seu sentido, elas se atualizam”. No entanto, diante das transformações que se colocam em curso, decorrentes do avanço eminente dos meios de comunicação e das novas formas de apropriação de conhecimento, a autora destaca que “o sistema educacional está em crise e em transição para uma versão particular que não se baseia em modelos pré-definidos”.

Diante das inúmeras transformações em curso, a educação que hoje é rígida, pouco adaptável as realidades dos sujeitos que habitam o universo escolar, tende a torna-se mais fluida, mais flexível, em movimentos que permitem o cruzamento de diferentes disciplinas a partir da incorporação de novas possibilidades de linguagem, onde se destacam as linguagens midiáticas em seus diferentes matizes: textos, imagens, sons etc.

Todavia, a escola tem se constituído, de forma mais acelerada nas últimas décadas, em um espaço paralelo à vida que acontece além de seus muros. No mundo que tem sido reconfigurado em todos os campos e carregado a marca da pluralidade, a escola, em sua grande maioria, continua a ser um espaço autoritário, homogeneizador e que não dialoga com o cotidiano dos sujeitos que nelas transitam.

O mundo que se desenha além dos muros da escola, anda em uma velocidade que ela parece não ter pernas para acompanhar. Enquanto o cenário apresentado por muitas instituições escolares evidencia um quadro de descaso, que deixa claro os poucos investimentos feitos em educação no nosso país, seja na formação de seus professores, na melhoria física ou na inserção de novas tecnologias, do lado fora das salas de aula se desenha outra realidade.

Encontramos estudantes com acesso cada vez mais fácil a telefones celulares, a *Ipods*, *notebooks*, fechando e abrindo janelas dos computadores, descobrindo novas culturas por meio dos jogos eletrônicos, manejando com destreza o controle remoto da televisão. Navegando, surfando na grande rede, descobrindo, com autonomia, como é



viver numa sociedade que reivindica sujeitos que saibam conviver com as novas formas de produzir e consumir informação. Nesse sentido, Levy (1997, p. 7) afirma que:

Novas maneiras de pensar e conviver estão sendo elaboradas no mundo das telecomunicações e da informática, [...] com isso as relações entre os homens, o trabalho, a própria inteligência dependem da metamorfose incessante de dispositivos informacionais de todos os tipos, a escrita, a leitura, a visão, a audição, a criação, bem como a aprendizagem.

No entanto, apesar dessas *novas maneiras de pensar e conviver*, em muitas salas de aula os conteúdos ainda hoje são transmitidos de forma rígida, pautados prioritariamente pelo que sugerem as metodologias empregadas nos livros didáticos e os projetos políticos pedagógicos elaborados pelas escolas sem ouvir a comunidade. Essa rigidez e distanciamento da sociedade, se contrapõe aos modos como as crianças e jovens adquirem conhecimento em um mundo onde os conteúdos estão em todos os lugares e são consumidos *todos ao mesmo tempo agora*. Na perspectiva de Kelner (2008), para que “a sociedade alfabetizada de hoje acompanhe a era da informação, a educação deve se libertar do currículo que é separado por disciplinas.”

Essa forma dos currículos tradicionais colocarem os conhecimentos em “caixinhas”, com pouca interação entre as disciplinas, segue um curso diferente do movimento de convergência e trânsito no consumo de informações existente fora da escola e que contribui para novos modos de ver e ler a realidade. Como destaca Jenkins (2008, p.28)

A convergência ocorre dentro dos cérebros dos consumidores individuais e em suas interações sociais com outros. Cada um de nós constrói a própria mitologia pessoal, a partir de pedaços e fragmentos de informações extraídos do fluxo midiático e transformados em recursos através dos quais compreendemos nossa vida cotidiana.

Esse novo mundo que habitamos tecido por fios e cabos de fibra ótica, onde impera a convergência e o fluxo de informações, prega a multiplicidade de conteúdos, o respeito à diferença de culturas e o desenvolvimento de aptidões individuais. No entanto, o caminho que muitas escolas continuam a trilhar, como destaca Almeida (2001), “pautase pela segmentação, a simplificação do conhecimento, o oficialismo de poder econômico e estatal.” Essa união de fatores contribui para que a instituição escola ainda esteja atrelada ao paradigma tradicional de transmissão de saber, pautado na objetividade, na



linearidade e no não reconhecimento aos múltiplos horizontes educacionais existentes na sociedade contemporânea. Sobre esse assunto, Leite (2008, p.72), destaca que:

A escola funciona, de maneira geral, fundamentada no paradigma da simplicidade, no qual tudo é mecânico, reducionista, linear, tendo a pretensão de formar cidadãos para o mundo no qual o paradigma que se apresenta é o da complexidade, ou seja, aberto, interdisciplinar, colaborativo, hipertextual.

Diante desse novo cenário, as novas formas de sociabilidade que se constroem, por meio da mídia, formam um contingente de estudantes que reivindicam novos modos de ensinar-aprender, e uma nova postura da instituição escola, onde o respeito às diferenças e a autonomia dos estudantes é um dos principais traços.

Na pesquisa que desenvolvemos junto ao programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal Fluminense, procuramos investigar como alunos de um programa de correção de fluxo, intitulado Projeto Poronga, desenvolvido no estado do Acre, um dos mais isolados estados brasileiros, dialogam com teleaulas da Fundação Roberto Marinho, principal recurso didático utilizado durante as aulas.

O uso da televisão é apontado pelos estudantes como um dos principais fatores para sua volta e permanência na escola, pois permite a apropriação de conhecimento por meios de outras linguagens, que não apenas na relação vertical professor-aluno, o que instiga o aprendizado. Nos diálogos que temos construído, tem sido bastante comum encontrar em seus discursos, pistas que mostram a insatisfação desses novos sujeitos nascidos sob o signo de uma sociedade pautada nas linguagens midiáticas, com a escola ainda alicerçada nas metodologias tradicionais de transmissão de conhecimento, com predomínio das formas escrita e oral.

A seguir, apresento de forma resumida a história do Projeto Poronga, sob o qual nos debruçamos durante o curso de doutorado, para logo depois trazer algumas falas dos sujeitos com os quais temos dialogado. Com idades entre 14 e 16 anos, muitos desses estudantes relatam terem fugido dos corredores da escola, entre outros motivos, por não se sentirem atraídos por uma instituição ainda calcada no paradigma tradicional de troca de conhecimento, simplificadora e carente de recursos tecnológicos.

Fazendo encontros e aproximações com a pesquisa

O Projeto Poronga foi criado no ano de 2002, num momento em que a educação do estado do Acre apresentava uma taxa de 54% de estudantes do ensino fundamental



em distorção idade/série. Esses números iniciais mostravam que mais da metade dos alunos matriculados na rede estadual de ensino estavam com, no mínimo, dois anos de atraso escolar em relação a série que deveriam cursar. A iniciativa atendeu inicialmente uma clientela de jovens e adultos da Capital Rio Branco, em oito escolas da rede estadual urbana.

De acordo com Emily Areal, atual coordenadora do projeto, em alguns municípios do interior esses números deviam ser ainda maiores, tendo em vista que quanto mais afastadas as cidades, maiores as dificuldades enfrentadas pelos estudantes para freqüentar a escola. Vale destacar, que no mesmo período, no Brasil o número de alunos fora do fluxo regular era aproximadamente 40%, de acordo com dados do Ministério da Educação, taxa também considerada elevada.

Ao se deparar com esses números, uma equipe de gestores acreanos formada pelas professoras Rosa Maria Silva Braga, primeira coordenadora do projeto, e Lúcia Melo, diretora da escola Serafim da Silva Salgado, fizeram uma série de visitas a estados brasileiros para conhecer iniciativas que estavam sendo realizadas e que tinham com foco a correção de taxas de distorção idade/série.

Nesse movimento na busca de alternativas, o projeto nasceu como resultado de uma visita técnica realizada ao estado do Maranhão onde era desenvolvido um projeto que já dialogava com a metodologia do Telecurso e tinha conquistado resultados expressivos. As gestoras acreanas foram ainda ao Rio de Janeiro, para conhecer a experiência da Fundação Roberto Marinho enquanto detentora da metodologia Telecurso 2000.

Foi verificado que lá estava dando certo, que era realmente algo que ia trazer um benefício muito grande a essa população de alunos matriculados que estava a margem da escola, porque a escola não estava atingindo o seu objetivo principal que é de ensinar e os alunos que é de aprender. Então foi visto que seria uma metodologia interessante, claro que adaptado as realidades do Acre. Verificou-se que o uso da televisão e do VHS motivava os alunos, a história da novelinha, de você contar um história, você ouvir, você sentir, e você realmente poder está se sentindo parte daquele contexto, ser uma informação mais contextualizada, trazia significância para o aprender em sala de aula. Uma das maiores características vistas pelos técnicos e gestores do Acre foi o uso da teleaula dentro da sala de aula. (Areal, 2010)

E foi justamente o interesse dos alunos pela teleaula, um dos principais pontos, de acordo com a Secretaria de Educação, para o sucesso do programa que em oito anos beneficiou mais de 15 mil estudantes acreanos. Para a professora Emily Amaral:



Os alunos do Poronga sentem nas teleaulas o conhecimento mais próximo deles, sentem mais o que está sendo trabalhado. Quando começamos uma nova turma, temos um período de adaptação e sempre perguntamos aos estudantes se eles sentem diferença para o regular. Eles sempre dizem que o Poronga é melhor porque tem a teleaula. (Areal, 2010)

De acordo com dados da Secretaria de Educação, o programa é um dos principais responsáveis pela melhoria dos índices do Acre nas avaliações realizadas pelo Ministério da Educação. Dados do Índice de Desenvolvimento da Educação (Ideb), do ano de 2009, mostraram que o Acre foi o único estado das regiões Norte e Nordeste a figurar entre os dez primeiros colocados. Para que o estado alcançasse esses índices, o Projeto Poronga foi de grande importância, pois as turmas ao longo de toda sua história têm apresentado taxas de conclusão superiores a 90%, o que reduz consideravelmente o número de estudantes que ficam retidos em determinado série por reprovação ou abandono da escola.

O que nos dizem os alunos de um programa de correção de fluxo

Para a produção deste texto, contei com a companhia de dois estudantes que freqüentam as aulas do Projeto Poronga numa escola da periferia da cidade de Rio Branco, capital do Acre. Karina tem 14 anos, nunca foi reprovada, mas por motivo de doença se distanciou da escola pelo período de um ano. Rodrigo tem 16 anos, e possui um itinerário escolar diferente do da estudante Karina, pois já sofreu duas reprovações e mudou de escola por quatro vezes.

Nascidos no Acre, os dois estudantes carregam em suas falas o orgulho por viver em um estado protagonista de inúmeras batalhas (inacabadas) para se tornar aceito pelo restante do país, tendo em vista que a história acreana é marcada por uma série de conflitos entre brasileiros e bolivianos, que deixou importantes marcas na sociedade local.

Mesmo reconhecendo as dificuldades ainda existentes para quem mora em território acreano, Karina diz ser um motivo de honra morar no Acre, “pois ‘apesar’ de pouco desenvolvimento se comparado com o de outros estados, somos iguais a eles, pois temos a nossa história”. Rodrigo fala que é muito bom viver no Acre, já que “o estado tem muita coisa bonita, como a floresta, rio e muita gente que gosta de ajudar as outras pessoas”.



Tanto Karina quanto Rodrigo são adolescentes que já possuem uma íntima relação com os meios de comunicação. Mesmo morando em Rio Branco, uma cidade distante dos grandes centros, os dois estudantes dizem acessar a internet regularmente, o que possibilita a esses jovens manter contato com amigos de outras regiões do país, por meio das redes sociais como o Orkut e programas de troca de mensagens *online* como o MSN, assistem diariamente televisão e possuem telefones celulares.

Ao viverem com intensidade a realidade acreana, mas transitarem por outros espaços por meio da internet, os dois estudantes são um espelho dos muitos jovens de hoje, sujeitos que vivem o local e transitam de diferentes formas pelo global, e sobre os quais muitas escolas não buscaram compreender. Como destaca Libâneo (2003, p.14) “os problemas da vida real na sociedade (global e local), os interesses em que os alunos estão envolvidos, outras formas de saber, não se fazem presentes na sala de aula”.

Estudantes de um programa de correção de fluxo que tem na televisão o principal recurso, os dois adolescente mostram em suas falas visões bastante críticas em relação as escolas do ensino regular, por onde passaram antes de chegar ao projeto. Ao questionar a estudante Karina, sobre a diferença que ela sentiu ao entrar no programa de correção de fluxo das aulas que assistia nas escolas do sistema regular, ela deu a seguinte resposta: “aqui no Poronga é melhor porque a teleaula mostra muitas coisas interessantes e dá mais vontade de estudar. Os alunos não ‘fica’ só esperando a professora falar como no regular”.

A partir de sua colocação, a estudante abre uma discussão sobre o quanto a relação vertical professor/aluno, onde um fala e outro escuta, mostra-se esgotada nos dias atuais. Diante da autonomia conquistada ao descobrir culturas, aprender fazendo, como acontece nas relações tecidas entre os jovens e os artefatos tecnológicos, ao chegar ao ambiente escolar, os estudantes se sentem incompletos ao perder essa *autonomia da descoberta* e passar a uma posição de submissão, tornando-se refém apenas do que os professores transmitem, sem que o diálogo aconteça.

O estudante Rodrigo, que foi para o projeto em suas palavras “pra não ficar atrasado e adiantar um pouco mais”, diz que a mudança do regular para o programa de correção melhorou a sua relação com a escola, e um dos principais motivos são as teleaulas.

“Achei que aqui ficou melhor. A professora dá mais atenção e a gente aprende com a professora e com a teleaula, não é só de um jeito. Quando eu tava no regular achava que só o professor falando ficava meio chato sei lá,



era meio assim, cansativo, aqui eu acho que aprendo mais com a professora e com a teleaula”. (Rodrigo, 2010)

A fala dos alunos vai dando pistas que eles não querem mais habitar um espaço onde é preciso apenas ouvir o professor e serem copistas do que é colocado no quadro, com pouca ou nenhuma interação, o que torna a sala de aula um espaço cinza, sem o colorido da vida que acontece além dos seus muros. Como denuncia Lévy (2005), “a escola é uma instituição que há cinco mil anos se baseia no falar/ditar do mestre, na escrita manuscrita dos alunos”.

Essa visão tradicional de escola gravita o pensamento dos estudantes. Na visão de Karina, o ensino regular “é só na escrita”. Para Rodrigo, no Projeto Poronga, “tem o professor e tem a teleaula. Não é só uma coisa”. A teleaula é apontada como algo que desperta a curiosidade, que ao unir o som e a imagem com a presença e a fala do professor durante as aulas, facilita o aprendizado, tornando o conteúdo “mais explicado”, segundo o estudante Rodrigo.

Em suas observações, os dois alunos mostram sinais que sentiam falta de outros suportes nas salas de aula do ensino regular, que não apenas a voz do professor e o que é escrito no quadro. O interesse dos estudantes pelo que é mostrado nas teleaulas, é uma consequência da relação que eles mantêm com os artefatos tecnológicos fora do ambiente, e quando chegam dentro das salas de aula eles não se desfazem, continuam ligados em um mundo tecnológico. Como bem lembra Castell (2002), os efeitos das novas tecnologias têm alta penetrabilidade porque a informação é parte integrante de toda atividade humana, individual ou coletiva e, portanto, todas essas atividades tendem a serem afetadas diretamente pelas novas tecnologias.

Por meio do que é transmitido pelas teleaulas, os estudantes sentem os conteúdos de outros modos e a curiosidade é aguçada. Rodrigo, por exemplo, diz que: “a teleaula mostra muita coisa bonita que não tem no Acre. E que pelo que já tinha visto nas aulas, queria conhecer as belezas do Rio de Janeiro”.

Na opinião de Karina, a teleaula é uma dinâmica “legal”, que ajuda a compreender o assunto melhor que o regular que “é só baseado na escrita.” A união de duas linguagens é apontada pela estudante como um dos fatores positivos do projeto e que a faz melhor compreender os assuntos. De acordo com a estudante, ter a teleaula na escola é bom porque “quando assistem a teleaula os alunos aprendem mais, porque o vídeo explica bem e depois a professora complementa.”



Quando estudava só com o professor explicando, a estudante fala que não entendia o assunto muito bem, pois “sem as teleaulas os professores não explicam melhor.” Para a aluna, o projeto deveria ter mais teleaulas, já que “algumas pessoas têm muita dificuldade e a teleaula ajuda a tirar as dúvidas.”

Rodrigo, por exemplo, afirma ter “dificuldade de pegar as coisas” e quando estudava no ensino regular sofria muito com a mudança de professores, pois no regular eram sete. Como o Projeto Poronga trabalha com a unidocência, em que o mesmo professor dar aula de todas as disciplinas, o estudante acha que isso é positivo pra ele:

No começo senti muita diferença, porque antes era um horário marcado dos professores. Agora, é um professor o dia todo para dar atenção, um professor só, antes eram sete professores. Era uma hora pra você fazer aquilo, com horário marcado e depois mudava de assunto, e era muito corrido e não ‘dava’ de prestar atenção, porque ainda tinha que copiar. Rodrigo, 2010.

Apesar do estudante sentir-se mais confiante em um programa onde todas as disciplinas são trabalhadas por um único professor, caso que acontece no Poronga, devemos considerar que essa estratégia sacrifica esse profissional que ao longo da história tem sofrido das mais diversas formas: jornada excessiva de trabalho, novas exigências da sociedade, remuneração precária, bem como a estrutura dos locais de trabalho, que em grande parte reclamam melhorias.

Assim como Karina, Rodrigo também aponta aspectos positivos nas teleaulas. Acostumado antes a estudar “só com o professor”, ele diz que com a teleaula “fica mais explicado”, porque a “teleaula explica bem explicado”. O estudante diz que as imagens são a melhor coisa da teleaula, porque só com o professor fica “meio enjoativo”, e ele aprende outras coisas que no Acre não tem, como o “relevo do Rio de Janeiro, o clima e outras coisas”. Rodrigo diz também que o projeto deveria ter mais teleaula, “porque a televisão sempre mostra coisas novas e a pessoa fica com mais curiosidade”.

Fica evidente a necessidade de a escola ampliar o leque de linguagens utilizadas em sala de aula, que não podendo mais se esgotar no oral e no escrito, num mundo que já fala de outros modos e reivindica outros olhares para o processo educativo.. Diante do exposto, os meios de comunicação parecem até conter, em sua gênese, potencial para dinamizar os modos de ensinar/aprender, levando conhecimento a todas as camadas da sociedade, incluindo onde antes se excluía, como no caso dos estudantes que encontram em programa que usa a televisão o incentivo para voltar e permanecer na escola.



O progresso científico e tecnológico que não responde fundamentalmente aos interesses humanos, às necessidades de nossa existência, perdem, para mim, a significação (...). A um avanço tecnológico que ameaça milhares de mulheres e de homens de perder seu trabalho deveria corresponder outro avanço tecnológico que estivesse a serviço do atendimento das vítimas do progresso anterior. Como se vê, esta é uma questão ética e política e não tecnológica. (...) Não se trata de inibir a pesquisa e frear os avanços, mas de pô-los a serviço dos seres humanos. (FREIRE, 1996, p.130).

Considerações finais

Em nossa sociedade, onde as crianças e jovens chegam às salas de aulas possuindo uma considerável bagagem de conhecimentos, acumulado em grande parte pelo contato cada vez mais precoce com os artefatos tecnológicos, o cenário que se é desolador. São situações de confronto entre professores e alunos. E esse cenário de desafio tem na escola homogeneizadora o cenário ideal, pois a instituição escola parece ainda não ter mergulhados nos novos mares pelos quais os sujeitos que por ela transita já navegam.

Nas falas dos estudantes do Projeto Poronga, com os quais dialogamos nesse texto, fica marcada a importância da televisão, enquanto instrumentos que aguça curiosidade, que os faz sentir os conteúdos de modo diferente, sendo importante para sua permanência na escola. Espaço de onde eles saíram muitas vezes por não se sentirem instigados a frequentar, por pautar-se, ainda, pelo discurso autoritário do professor ou pela homogeneização dos sujeitos num mundo que reivindica respeito às individualidades.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, M. J. **Imagens e sons: a nova cultura oral**. Questões da Nossa Época. São Paulo: Cortez, v. 32, 2001.

CASTELLS, M. **Sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia, Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paz e Terra, 1996.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo, Editora Aleph. 2008.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro: Editora 34

KENSKI, Vani Moreira . **Educação e tecnologias o novo ritmo da informação**. 4a.. ed. Campinas São Paulo: Papirus, 2008



LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente.** São Paulo. Cortez, 2003.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Sociedade Tecnológica.* São Paulo: Editora Scipione, 1994.